GRUPO
DIVULGAÇÃO
2008

GRUPO DIVULGAÇÃO

O MAMBEMBE

Artur Azevedo

CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS

GRUPO DIVULGAÇÃO

42 anos de teatro para o povo

apresenta

O Mambembe

Comemorativo do centenário de Arthur Azevedo

Forum da Cultura
maio a julho
2008

Soneto

Arthur de Azevedo

Quando algum desses escrevinhadores...
Que publicam na imprensa, infelizmente,...
Na honra acaso te ferrar o dente,...
Ou de ti ou dos teus dizendo horrores..

.

Errado irás se por ventura fores...
Chamar a juízo o ignóbil maldizente...
Porque um testa de ferro incontinente...
Comprado, tomará por ele as dores...

Dá-lhe, dá-lhe a valer! Fá-lo um trapo!
Para cada embuste arranca-lhe três urros!
Mata o ladrão como se mata um sapo!...

Convence-te, leitor: pra esses burros...
Argumento não há como um sopapo,
Nem resposta melhor que um par de murros!

História de Vida

Arthur Nabantino Gonçalves de Azevedo figurou, ao lado do irmão Aluísio Azevedo, no grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, onde criou a Cadeira n. 29, que tem como patrono Martins Pena, não por acaso um autor teatral. O teatro foi sempre a grande paixão de Artur.

Filho de David Gonçalves de Azevedo, vice-cônsul de Portugal em São Luís, e Emília Amália Pinto de Magalhães, pôde ver, na própria casa, uma dramática história de amor.

Sua mãe separou-se de um comerciante, com quem casara a contragosto, para viver com seu pai com quem teve cinco filhos: três meninos e duas meninas. Só puderam se casar após a morte do primeiro marido, vítima de febre amarela.

Aos oito anos, Arthur já demonstrava vocação para o teatro, brincando de adaptar textos de autores como Joaquim Manuel de Macedo. Pouco depois, passou a escrever, ele próprio, as peças que representava.

Muito cedo começou a trabalhar no comércio. Depois foi empregado na administração provincial, de onde foi demitido por ter publicado sátiras contra autoridades do governo. Ao mesmo tempo lançava as primeiras comédias nos teatros de São Luís. Aos quinze anos escreveu a peça "Amor por anexins", que obteve grande êxito, com mais de mil representações no século passado.

A princípio, dedicou-se também ao magistério, ensinando português. Mas foi no jornalismo que encontrou espaço para se projetar como um dos maiores escritores e teatrólogos brasileiros. Fundou publicações como "A Gazetinha", "Vida Moderna" e "O Álbum". Colaborou em "A Estação", ao lado de Machado de Assis, e no jornal "Novidades", ao lado de companheiros como Alcindo Guanabara, Moreira Sampaio, Olavo Bilac e Coelho Neto.

Foi um dos grandes defensores da abolição da escravatura,

em seus artigos de jornal, em cenas de revistas dramáticas e em peças como "O Liberato" e "A Família Salazar", esta escrita em colaboração com Urbano Duarte, proibida pela censura imperial, e publicada mais tarde com o título de "O escravocrata".

Escreveu mais de quatro mil artigos sobre eventos artísticos, principalmente sobre teatro, nas seções que manteve em "O País" ("A Palestra"), no "Diário de Notícias" ("De Palanque"), em "A Notícia" (o folhetim "O Teatro"). Usava vários pseudônimos: Elói o herói, Gavroche, Petrônio, Cosimo, Juvenal, Dorante, Frivolino, Batista o trocista, entre outros.

A partir de 1879 dirigiu, com Lopes Cardoso, a Revista do Teatro. Por três décadas sustentou a campanha para a construção do Teatro Municipal, cuja inauguração não pôde assistir.

Embora escrevendo contos desde 1871, só em 1889 animou-se a reunir alguns deles no volume Contos possíveis, dedicado pelo autor a Machado de Assis, que então era seu companheiro na secretaria da Viação e um de seus mais severos críticos.

Em 1894, publicou o segundo livro de histórias curtas, Contos fora de moda. Mais dois volumes foram publicados após sua morte: Contos cariocas e Vida alheia, reunindo histórias deixadas por Artur Azevedo nos vários jornais em que colaborara.

No conto, mas principalmente no teatro, sua grande paixão, Arthur Azevedo explorou o cotidiano da vida fluminense. As relações amorosas, familiares ou de amizade, as cerimônias festivas ou fúnebres, tudo o que podia observar nas ruas ou nas casas. No teatro, continuou a obra de Martins Pena e de França Júnior. Suas comédias traziam hábitos da sociedade, fazendo um documentário bem humorado sobre a evolução da então capital brasileira.

Teve em vida cerca de uma centena de peças de vários gêneros e extensão (e mais trinta traduções e adaptações livres de peças francesas) encenadas em palcos nacionais e portugueses. Ainda hoje tem peças que cativam o público e são encenadas com alguma freqüência, como "A capital federal" e "O mambembe", apenas para citar as principais.

Um teatro para brasileiros

Maria Lúcia Ribeiro

"O teatro é o espelho fiel da civilização de um povo; criticá-lo, analisá-lo, animá-lo é a obrigação de todo aquele que, como eu, desejaria vê-lo erguido à devida altura".

Arthur Azevedo, no estudo da cultura brasileira é um grande injustiçado. É verdade que algumas de suas peças, principalmente A capital federal e, depois da adaptação para TV, "O mambembe" podem ser lembrados por críticos e estudantes de teatro. Bem diferente de seu irmão Aluísio, que consta de antologias e demarca nossa literatura naturalista. No entanto, poucos são aqueles que o conhecem como "erguido à devida altura"; aliás, poucos pararam para pensar na importância do teatro para a identidade de um povo, embora o usem para tornar palatável alguns textos em prosa a serem digeridos nas escolas.

Bendito centenário que vem trazendo à tona alguma informação sobre a genialidade do dramaturgo. Mas, ainda assim, ensombrecido por seu desafeto intelectual, Machado de Assis, que amava o chamado "teatro sério" e as poucas peças escritas não nos trazem avanço. É um soberbo homem de letras, um escritor, um crítico que não vê a expressão dos leitores que recebem sua obra. Mas também um folhetinista, o que o aproxima também do povo.

Arthur Azevedo é um homem de teatro, um apaixonado que dialoga, cara a cara, com seus espectadores. E, como tal, renova, integralmente, o panorama de nosso teatro. Muito se fala do autor de revistas de sucesso, mas fica esquecido seu papel antropofágico de homem que sabe para quem escreve, que tem aguda visão política e instinto de brasilidade.

Até hoje, quando o programa de TV Casseta e Planeta, desperta gargalhadas, critica, e se mantém na grade televisiva anos a

fio, ainda parecemos não perceber nosso importante humor paródico. E Arthur Azevedo muito tem a nos ensinar sobre isto.

Importante ressaltar aqui que a paródia é uma sofisticada face da ironia e que não se reduz ao aproveitamento grosseiro de obras alheias deturpando-as ou levando-as ao ridículo, como se faz no colégio. Há, no exercício paródico, um movimento de amor que faz de quem opta pelo gênero, trazer para o receptor uma obra renovada, inteligente e adaptada à nova sociedade que a recebe. A verdadeira paródia é um exercício de cidadania.

Arthur Azevedo foi um grande parodista e trouxe ao teatro brasileiro, ainda engatinhando, como diria Oswald de Andrade, uma contribuição de grande importância. Para não citar detalhes de suas inúmeras "traições" tradutórias, que aqui não caberiam, gostaria de lembrar suas adaptações de Molière.

Num Brasil pouco instruído, mas mergulhado na influência francesa, ele nos traz o grande mestre universal da comédia na medida exata de nossas tradições. Molière escrevia suas obras em versos alexandrinos. Os grandes atores da época, encomendavam sua transformação em prosa, mantendo a linguagem, para nós, erudita. Mas Arthur Azevedo, ele também poeta e homem de teatro, transforma os longos versos em redondilhas, versos de sete sílabas, como nossos cordéis nordestinos, fruto de poetas populares brasileiros.

Sentia o autor que, com esta transformação, não estaria traindo sua fonte, mas imprimindo um ritmo mais vivo e mais dinâmico ao diálogo, sem que os atores ficassem paralisados em cena, enquanto ouviam torrentes de doze sílabas ou uma longa prosa proferida para a exibição dramática de determinado ator. Não temia o obstáculo das rimas e a estrofe, mais próxima do povo, aproximava também o enredo. Um belo antropófago este nosso comediógrafo! Um mestre da tradução contemporânea e um sucesso de uma fase do teatro brasileiro, em que nosso palco era estrangeiro.

O teatro em revista

Táscia Souza

Revistar ou *revisitar* a obra de Arthur Azevedo é submergir no universo construído por alguém que, muito mais do que um dramaturgo, foi um homem pleno de teatro e de mundo. Jornalista, arguto observador do cotidiano e dono de uma verve cômica incomparável, Arthur soube como ninguém transportar a realidade brasileira - e principalmente carioca - para os palcos, recheando-a de música, dança e humor.

Embora tenha feito uma série de tentativas frustradas de escrever um "teatro sério", que não tiveram aceitação do público, Arthur passou a se dedicar com maestria às montagens dos chamados "gêneros ligeiros" e extraiu de matrizes francesas diversas adaptações para o momento político e social brasileiro. Entre as dezenas de peças que escreveu, seu primeiro sucesso teatral, *A filha de Maria Angu*, de 1976, paródia brasileira da opereta francesa *La fille de Mme. Angot*, de Clairville, Siraudin e Koning, chegou a ser condenado pelo crítico José Cardoso da Mota como responsável pela "desmoralização da arte dramática" e pela "decadência do teatro brasileiro". A resposta, contudo, já havia sido dada ruidosamente, na forma de intensos aplausos desencadeados pelo forte apelo popular da dramaturgia de Arthur Azevedo. "O público pensa diferente do senhor Cardoso da Mota. Com essa e outras peças, embolsei alguns contos de réis que nenhum mal fizeram a mim nem à arte", ironizou o autor.

Além de comédias, operetas e burletas, Arthur se destacou entre os maiores revistógrafos do teatro nacional. A veia jornalística, crítica e aguçada, guiou na composição de quase vinte revistas-de-ano. Esse gênero teatral, importado da França do século XVIII, com

muita música, um sem-número de personagens e sátiras ferozes a figuras conhecidas da população passava literalmente em revista os fatos mais marcantes do ano que terminava.

Uma dessa resenhas teatralizadas, musicadas e cheias de picante senso de humor compostas por Arthur Azevedo, *O Tribofe*, apresentado em 1892, sobre os acontecimentos do ano anterior, serviu de ponto de partida para aquela que seria sua obra mais conhecida: *A Capital Federal*. Escrita em 1897, a comédia-opereta revela a visão crítica de Arthur em relação ao crescimento urbano do Rio de Janeiro e suas contradições sociais no fim do século XIX.

Contudo, a plenitude da arte teatral na alma de Arthur Azevedo veio mesmo com *O mambembe*, burleta escrita em 1904 que seria sua declaração maior de amor à arte a que se dedicaria até o fim da vida, quatro anos mais tarde. Trata-se de uma peça marcantemente metalingüística, que, numa espécie de *mis-en-abyme*, mostra o teatro dentro do teatro. A organização da trupe, os atores-tipos que a integram, as dificuldades financeiras para manter a companhia, os problemas com a autoridade dos coronéis que mandam e desmandam nos pequenos vilarejos do interior, a escolha do repertório, as condições técnicas dos locais de representação... tudo isso é revistado e revisitado pelo texto. O que sobra, ao fim de tudo, é uma exaltação ao trabalho dos artistas e ao papel do próprio teatro na sociedade.

"Quando eu morrer, não deixarei meu pobre nome ligado a nenhum livro, ninguém citará um verso meu, uma frase que me saísse do cérebro; mas com certeza hão de dizer: "Ele amava o teatro", e este epitáfio moral é bastante, creiam, para a minha bem-aventurança eterna", escreveu Arthur, um ano antes do nascimento dos mambembeiros Frazão, Laudelina e companhia. Cem anos depois da morte do autor, isso ainda é uma verdade absoluta. Que venham mais cem.

"Mambembe é a companhia nômade..."

Gustavo Burla

Mambembear ou bar é assunto itinerante, tema perto e distante, que vive de andar e parar. Mambembar não é novidade, já se faz há muito tempo com tanto ou pouco tento e a levar felicidade. O ator vira motorista, marceneiro e carregador, viaja a perder de vista com carroça ou motor e não chega a ser turista, trabalha com sorriso e dor.

Em palcos, carroças, tablados, mambembeiros de várias épocas e distintos lugares do planeta seguiram pelas estradas em busca de público, transmitindo a história do teatro nas adaptações feitas para cada posto em que paravam. Por vezes sem rumo, seguiam pelo caminho até encontrar um grupo de pessoas dispostas a reconhecer o talento e capazes de prover o sustendo da companhia pelo tempo que ficassem ali.

Um mambembe (grupo teatral volante) é constituído por um conjunto de atores que viaja por mambembes (lugares afastados) para mostrar sua arte, que pode até ser mambembe (de pouco valor) e certamente utiliza-se de mambembe (improviso). Como, então, definir um mambembe?

Desde o início, com Téspis, o teatro se faz sobre carroças, pequeno elevado sobre o qual o ator torna-se emissário de Dionísio ao vestir-se de outrem. Um desconhecido que se torna próximo e traz consigo sensações capazes de mover o público do prazer à perdição. A igreja católica sabia disso na Idade Média e caçava os atores viajantes, permitindo apenas espetáculos que professassem a fé pelos caminhos da verdade e da vida. Diante dos fiéis, o céu e o inferno eram mostrados nas praças, auditados pelos emissários do divino para que nada transcendesse a crença pregada.

Muitas companhias viajaram renascimento afora, levando

sua arte de cidade em cidade, com a grande escola de saltimbancos nascida na Itália. A *Commedia dell'arte* trabalhava a expressão corporal dos atores em conjunto com a capacidade vocal sobre histórias que seguiam um fio condutor, mas jorravam improviso conforme a aceitacão do público. Uma mesma peça podia durar minutos ou horas, conforme a receptividade dos espectadores, que se divertiam às gargalhadas ou lançavam tomates aos vilões, como também experimentou Shakespeare, seja em seu Globe londrino ou quando excursionava com seu grupo pela Europa.

Para facilitar a receptividade dos espetáculos em todas as cidades, os comediantes, em todas as épocas, utilizavam-se de personagens estereotipados, possibilitando a compreensão imediata das figuras (geralmente mascaradas, principalmente após a influência dos italianos) e permitindo o acompanhamento do enredo. Entre peripécias cômicas e lições políticas e sociais, os mambembeiros de antanho faziam o que fazem os de hoje: contavam histórias.

Verdades e valores universais permeiam as narrativas, que buscam nos conflitos das relações humanas a tensão que conduz a trama. Rigidez aliviada no riso, ferramenta de reflexão e respiro da realidade, sobre a qual sapateiam os problemas tornados cantigas sobre o tablado. O mambembe abre os olhos para um mundo por vezes tão próximo que o olho sem magia não vê.

No xadrez das artes cênicas, dos campos da Europa ao interior das Minas Gerais, por todos os cantos as trupes andaram sobre rodas e mantiveram-se nômades no espaço e na fala, limando o discurso para agradar gregos, se em Atenas (Mineira ou não), e troianos, se em Tróia. E por todos os percursos, diante das mais incríveis intempéries, os mambembes iam e vinham respirando a crença, mostrada por Bergman em *O sétimo selo*, de que a salvação está no teatro.

Nosso Mambembe

José Luiz Ribeiro

Comemorar o centenário de morte de Arthur Azevedo é a oportunidade que se tem para homenagear um homem de teatro. Antes de tudo, Arthur de Azevedo foi um amador, no sentido literal da palavra, um homem apaixonado que se entregou a tudo com força e vigor.

Escolhemos "O mambembe", como texto comemorativo deste centenário, por ser uma peça emblemática que figura entre as duzentas obras deste maranhense que, dentre muitas realizações, lutou pela construção do Teatro Municipal do Rio de Janeiro que se prepara para comemorar, também, o seu centenário.

Existe uma relação especular entre "O mambembe" e "A Capital federal": na primeira, os atores, como uma grande família, dirigem-se para o interior; na segunda, a família parte do interior em direção à capital. Nestas duas trajetórias encontramos o fotógrafo arguto que mostra um Brasil dividido entre o urbano e o rural.

A influência da cultura francesa, formatada na burleta, um gênero musical muito em voga no princípio do século XX, mostra o tempo em que as músicas eram mostradas no palco, depois chegavam aos salões e animavam saraus.

Nosso "mambembe" busca a linha da comédia ligeira, entremeada de músicas recompostas especialmente para este espetáculo. A simplificação cenográfica permite a aproximação com um estilo sintético. Nossa montagem se distancia de produções operísticas para contemplar o trabalho do ator. Nosso signo principal é marcado por um conjunto de malas carregadas por atores, representando, simbolicamente, a grande viajem da

Companhia Frazão. São malas de diversos tipos que guardam segredos dos personagens.

A comunicação face a face, num pequeno teatro, nos possibilitou apostar no entendimento interativo. A construção corporal elabora uma estética que narra a trajetória do grupo teatral com agilidade. Avançamos no tempo em nossa montagem. Esteticamente os anos 20 foram transformadores nos costumes e na urbanidade, e é para lá que nós deslocamos nossa narrativa.

A efervescência das idéias, os conflitos sociais, a crise da economia, tudo está representado. Os trajes evidenciam o conflito e a transformação da ingênua Laudelina que, em sua primeira aparição, mostra-se idilicamente vestida , o que vai contrastar com o traje de viagem, quando ela se torna uma atriz contratada.

O elenco, de formação clássica, lembra a troupe de "Seis personagens", de Pirandello, com primeiro ator, dama central e ingênua, papéis altamente especializados.Esta radiografia de uma companhia dramática povoada por vaidades naturais é um estudo profundo do teatro como nação.

Assim, a chegada de uma atriz amadora, alçada ao posto de primeira atriz, causa rebuliço entre os atores e despeito entre as atrizes. A ala dos velhos comediantes é exposta como estudo da natureza humana

Nosso trabalho tem como meta refletir o teatro e as dificuldades de sua realização. Num tempo em que atores se precipitavam pelo interior como bandeirantes de almas, temos prova da paixão dos velhos mambembeiros que levavam dramas e comédias para alimentar sonhos de comunidades longínquas.

É com alegria que encontramos o teatro representado de forma tão viva, e por isso estamos comemorando o centenário de um autor que, acima de tudo, marcou genialmente a história do teatro brasileiro.

O teatro que fazemos e que nos faz

Márcia Falabella

Escrever sobre o Divulgação tornou-se para mim um exercício habitual, quase uma oração, uma prazerosa missão cheia de orgulho e de emoção. Mas não vou repetir e reduzir aqui a trajetória desses 42 anos de trabalho ininterrupto, os cursos e projetos de extensão desenvolvidos em parceria com a Faculdade de Comunicação e a UFJF, as mais de 130 peças encenadas, a dramaturgia de José Luiz Ribeiro, escrevendo sob medida para seu elenco e para o seu tempo.

Tampouco vou trazer para essas linhas os elementos que determinam a identidade do grupo e seu compromisso de cidadania diante da sua comunidade ou apontar os muitos prêmios conquistados nesse percurso glorioso. Sim, glorioso, porque no campo teatral, em que a obra é perecível e efêmera, construir uma história com todos esses elementos, chegando a quase meio século de produção, é uma ação vitoriosa, mesmo diante dos percalços, mesmo diante da falta de reconhecimento por parte de algumas pessoas que consideram o teatro uma arte menor ou que relativizam essas décadas de trabalho, minimizando essa trajetória, mesmo diante das dores sofridas por pequenas e grandes decepções ao longo do caminho... E elas acontecem.

A isso respondemos com trabalho! Incansável trabalho de carregar pedras como Sísifo. Pedras mágicas que fortalecem e engrandecem a nossa missão. A isso o público responde com sua presença e seu aplauso, dignificando todo o nosso esforço. E é para o público que trabalhamos a cada momento. É o público que dá sentido à nossa arte.

Hoje, estando tão longe dessa minha "casa" e no

estranhamento de não estar presente numa montagem do grupo, seja na produção, seja no palco, principalmente numa peça que exalta o teatro, quero justamente escrever sobre a vivência de uma companhia e de como ela nos transforma em seres humanos melhores.

Há 22 anos faço parte do Grupo Divulgação. Atravessar esse caminho foi um desses raros presentes que o destino põe à nossa frente para nortear nosso percurso de vida. Lembro-me bem do Curso de Introdução ao Teatro, do frio na barriga, que nunca me abandona, e dos meus primeiros passos para entender essa arte que não dominamos nunca e seguimos aprendendo. Lembro-me do desafio das primeiras falas e dos primeiros papéis, figurações saborosas que me permitiram crescer e que eram assim protagonistas daquele momento. A eterna ânsia em me preparar com antecedência e deixar a personagem ir se aconchegando. As descobertas. O prazer de ficar observando os mais antigos na penumbra das coxias. Observar é o grande exercício do ator.

Lembro-me de como, aos poucos, fui cumprindo etapas, vendo meu trabalho de atriz crescer e, principalmente, conquistando meu espaço dentro do grupo. E estar no Divulgação fez toda a diferença, abriu todos os meus caminhos, numa convivência apaixonante com amigos de uma vida e com figuras emblemáticas como o José Luiz e a Malu. Tudo em função do teatro. Tudo em função de uma vida em grupo.

Não é fácil o exercício de coletividade, em que precisamos abrir mão do individualismo e da vaidade tão próprios do ator, tão próprios do tempo em que vivemos, em nome das prioridades do grupo. E humanos que somos, nem sempre conseguimos esse despojamento necessário. Estar em grupo implica respeitar o espaço do outro, implica em professar a generosidade, implica em praticar a humildade, sem perder a dignidade.

Hoje, percebo tudo com mais temperança e acho graça daquele ator que quer o papel com mais falas, sem saber se está pronto para elas e que não sabe fazer grande o pequeno papel. Ou mesmo daquela atriz inconformada que se sentiu infeliz por aparecer feia no palco, quando, às vezes, o melhor é mesmo estar horrível. Hoje, lamento por aqueles que não se permitiram amadurecer, por aqueles que desistiram no meio do caminho, por aqueles que partiram. Germano Baía, amigo querido desses que o grupo fez, hoje produtor de teatro em São Paulo, recentemente escreveu-me num e-mail uma frase definitiva: "o teatro tem seu tempo".

No Divulgação, cristalizou-se em mim a disciplina que comecei a aprender no balé com a D. Maria do Carmo Carriço. Uma disciplina que levamos para toda a vida. No Divulgação, aprendemos o significado do horário e da presença. No Divulgação, aprendemos o sentido da entrega. No Divulgação aprendemos que a limpeza é a cara de um grupo e dividimos o pão de cada dia de produção. No Divulgação, aprendemos a bater pregos, a mexer com eletricidade, a costurar, a fazer papier marché. No Divulgação, fazemos o que gostamos e aprendemos o que não gostamos. No Divulgação, aprendemos a ser solidários. Muitas vezes, há um colega que precisa da nossa ajuda para trocar o figurino e entrar em cena. Muitas vezes, é necessário renunciarmos ao desejo maior de estar no palco para estarmos onde o grupo precisa, seja na iluminação, seja na sonoplastia, seja na portaria. No Divulgação, aprendemos a vencer a dor, às vezes presente em longos ensaios e elaboradas coreografias ou mesmo tendo que permanecer numa determinada posição por um tempo além dos nossos limites. No Divulgação, aprendemos a vencer o

cansaço. No Divulgação, exercitamos a sensibilidade, a imaginação e a criatividade para nos reinventarmos a cada momento. No Divulgação, aprendemos a respeitar a nossa arte e, a partir dela, respeitar os outros e a vida. No Divulgação, aprendemos a superar as diferenças. No Divulgação, aprendemos a tolerar e aceitar aqueles que não simpatizamos, porque não escolhemos quem entra para o grupo. São os outros que nos escolhem.

Engana-se quem pensa que o teatro é coisa de quem não tem o que fazer e vive na festa. Estar num grupo de teatro e, mais especificamente, estar no Divulgação, requer dedicação, requer trabalho, requer empenho. Nem sempre é fácil abrir mão de todas as outras coisas ao redor. Nem sempre as pessoas entendem como é possível tamanha entrega sem ganhar um tostão sequer, num mundo em que tudo gira em torno do dinheiro e que as pessoas têm que sobreviver. É que, no Divulgação, vivemos num tempo mítico e o que nos alimenta é o sonho. A paixão pelo teatro é o nosso maior bem de troca. Só ela nos faz resistir. Só ela nos faz persistir. No Divulgação, temos um privilégio que poucos possuem: a dádiva de trabalhar com prazer e realizar-se naquilo que gosta, fazendo teatro do jeito que gosta.

Esse é o Divulgação que hoje está vivo e presente na minha lembrança. Esse é o Divulgação da minha saudade. Esse é o Divulgação que aprendi. Esse é o Divulgação que acredito. Esse é o Divulgação que reverencio por me ter me tornado uma pessoa mais sensível, por ter me dado tantos amigos, por ter me dado toda a dimensão do teatro, por ter me dado uma forma de dialogar com o mundo ou simplesmente por ter me dado uma referência de vida.

Paris, 11 de maio de 2008

O público fala sobre o Divulgação

"Um grupo de teatro muito preocupado com a boa cultura e a excelência de suas peças."
Jeane Abraão, 27, professora.

"As peças do GD são sempre um convite à reflexão, já que os textos são sempre inteligentes e discutem temas atuais."
Lucas Rabêllo, 21, estudante.

"Admiro, não apenas do ponto de vista estritamente artístico, mas também o trabalho de cunho social através do teatro."
Bruno Fuser, 48, professor.

"Gosto muito. Foi o primeiro grupo de teatro que assisti ('Como se fazia um deputado'). Marcante.
Neif Musse, 48, médico.

"A tradição teatral em Juiz de fora, nos mais diversos gêneros, há gerações. É patrimônio cultural de nossa terra. É orgulho de Juiz de Fora."
Maria Cristina Castro, 48, economista.

"Excelente trabalho, maduro, envolvente e agradável! Parabéns!"
Carlos Thaga, 50, artista plástico.

"O grupo Divulgação desenvolve um grande trabalho de cidadania através de peças que representa e contribui para o aprimoramento da educação que é tão relegada pelo governo."
Dilza de Oliveira, 58, aposentado.

"Um grupo substancial, que alimenta a alma e acalenta sonhos de um mundo 'governado' pela arte. Um deleite, uma necessidade."
Stael Barquette, 39, professora.

"O Divulgação é um dos orgulhos da cidade, por seu passado e pelo que escreveu na cultura através do seu trabalho continuado e decidido, pelo qual se tornou conhecido e respeitado."
Luiz Romão, 58, psicanalista.

"Um presente para a comunidade."
Maria Inês Simões, 35, advogada.

"Padrão permanente (ou crescente) de qualidade na produção e divulgação."
Valdemir da Costa, 32, músico.

Uma iniciativa valorosa para a formação de profissionais da área e divulgação da cultura que tanto precisamos em JF.
Miguel Simão Neto, agrônomo

Maravilhoso! Adoro todos os espetáculos que já assisti e admiro muito o trabalho do grupo.
Nívea Heluey, 33, jornalista

O Grupo Divulgação atua em Juiz de Fora estimulando o teatro e a cultura na cidade. As peças do grupo sempre retratam a realidade de forma humorada, divertida e crítica.
Laila Hallack, 19, estudante

Essencial para a vida cultural de Juiz de Fora e a reflexão da sociedade local.
Renata Corrêa, 28, publicitária

Cumpre a função primordial de perpetuar a cultura em Juiz de Fora.
Helena Raquel, professora

Um grupo que não perde de vista o que há de mais importante numa sociedade que se pretende justa: a crítica.
Wessila Luzia, 27, professora

Sensacional! Acompanho desde criança.
Gleyson Custódio da Silva, 16, estudante.

Centro de Estudos Teatrais

Grupo Divulgação

apresenta

O Mambembe

de Arthur Azevedo

Malaquias, Bonifácio e povo	Maurício Ribeiro
Eduardo	Filipe Mostaro
Dona Rita	Fátima Amorim
Laudelina	Maiara Batista
Frazão	Tonimar Vaz
Brochado e Irineu e sax	Breno Simonette
Lopes e Carapattini	Marcus Leoni
Monteiro e Pantaleão	Gustavo Burla
Vilares	José Eduardo Brum
Margarida	Thaysi Ribeiro
Florêncio	Júlio Andrade
Isaura	Lívia Sales
Coutinho	Alex Rodrigo
Vieira e pandeiro	Vitor Knop
Criada e Josefina	Kênia Bárbara
Velha	Fernanda Tostes
Atriz	Thaís Lawall
Fábio e Chico Inácio	Rivelino Alves
Madama	Laila Rachid
Iluminotécnica	José Luiz
Sonotécnica	Ana Eliza Teixeira
Preparação corporal	Marcus Leoni
Preparação coral	Michel Lenev
Figurino	Malu Ribeiro
Arranjos e Teclado	Dionísio Giovanini
Cartaz	Augusto França
Mambembe, música incidental	Chico Buarque
Música, Cenografia, Luz e Direção	José Luiz Ribeiro

Apoio: Alice Magalhães, Anna Flávia Horta, Andréia Romão, Camila Bretas, Camila da Silva, Franciane Lúcia, Gisele Clara, Gláucia Reis, Hellen Catherine, Jacqueline Glauber, Joice Nascimento, João Paulo Rabelo, Lorena Azevedo, Lucas Di Giovanni, Maria Cecília Barbosa, Raruza Keara, Rebeca Tamar, Táscia Souza, Tassiana Frank ,Tiago Vitor, Vírgínia Fonseca e Wívian Cruzeiro.

GRUPO DIVULGAÇÃO
ESPETÁCULOS DIDÁTICOS

Morte e Vida Severina	João Cabral de Mello Neto
Coral Universitário	José Luiz Ribeiro (texto)
Belmiro, Murilo e Pedro Nava	José Luiz Ribeiro (org.)
Camões	José Luiz Ribeiro (sel.)
A menina casadoira	Eugène Ionesco
Pic-nic no front	Arrabal
Sganarello	Molière
Lição de Molière	José Luiz Ribeiro
Farsa do Mestre Pathélin	Anônimo medieval
Manuel, Bandeira do Brasil	Malu Ribeiro (org.)
Minha sogra é da polícia	Gastão Tojeiro
Molière	José Luiz Ribeiro
A incelença	Luiz Marinho
OH! A mulher!	José Luiz Ribeiro
Os Divertimentos do Rei	J.Eduardo Vendramini
Sertaneja	José Luiz Ribeiro
A gata borralheira	Maria Clara Machado
Sassaricando	José Luiz Ribeiro
A pousada do Marreco Verde	José Luiz Ribeiro
A estranha história de Evlyn Roe	José Luiz Ribeiro
Canto por Federico	José Luiz e Malu Ribeiro
Viva o Zé Pereira	José Luiz Ribeiro
I love you Juju	José Luiz Ribeiro
A Sapateira Prodigiosa	Federico Garcia Lorca
Estação Esperança	José Luiz Ribeiro
Cantando Cecília	José Luiz Ribeiro
As meninas do Experimental	José Luiz Ribeiro
Festa Brava	José Luiz Ribeiro
Estórias para boi dormir	José Luiz Ribeiro
Lampião no Inferno	Altimar Pimentel
O auto do rei	Thiago Santiago
É isso aí, seu Ary!	José Luiz Ribeiro
Orfeu e Eurídice	José Luiz Ribeiro
O Reino de Lóbio	Márcia Falabella
Geringonça Tour	José Luiz Ribeiro
Rádio Mulher	José Luiz Ribeiro
Bufonarias	Col. textos anônimos medievais
A formosa menina que salvou circo	José Luiz Ribeiro
Novos sonhos de uma noite de verão	Shakespeare/José Luiz Ribeiro
A Trambiqueira da Itapiru	José Luiz Ribeiro
A Santa Coroa	José Luiz Ribeiro
Fados e Desgarradas	José Luiz Ribeiro

TEATRO INFANTIL

A onça de asas	Walmir Ayala
O circo de bonecos	Oscar von Pfuhl
História de lenços e ventos	Ilo Krugli
Nem tudo está azul no país azul	Gabriela Rabelo
Guairaká	José Luiz Ribeiro
O embarque de Noé	Maria Clara Machado
D. Baratinha	José Luiz Ribeiro
A gema do ovo da ema	Sylvia Orthoff
A colcha do gigante	Zuleika Mello
Girassonho	José Luiz Ribeiro
Putz, a menina que buscava o sol	Maria Helena Kühner
A noite dos duendes	José Luiz Ribeiro
Bem do seu tamanho	Ana Maria Machado
Sonho Pirata	Liliana Neves
Passa, passa, assombração	José Luiz Ribeiro
D. Chicote Mula-Manca	Oscar von Pfuhl
O rouxinol do pescador	José Luiz Ribeiro
O caju encantado	Paula Schmidt
Estórias pra boi dormir	José Luiz Ribeiro
O carteiro do rei	Tagore/José Luiz Ribeiro
O dragão verde	Maria Clara Machado
O mistério das nove luas	Ilo Krugli et alii
A Chapeleira da Rua Azul	José Luiz Ribeiro
O patinho feio	Ronaldo Boschi
Guairaká (II)	José Luiz Ribeiro
A Guerra dos legumes	José Luiz Ribeiro
Generosa @fada.com	José Luiz Ribeiro
O Rei de Quase tudo	José Luiz Ribeiro
O menino dos caracóis	José Luiz Ribeiro
No Reino da Inventação	José Luiz Ribeiro
Bicho Sim, Bicho Não!	José Luiz Ribeiro
Os Duendes Imaginários	José Luiz Ribeiro
Simbita e o Dragão	Lúcia Benedetti
Porcaria em Águas Claras	José Luiz Ribeiro

OUTROS ESPETÁCULOS

Cancioneiro de Lampião	Nerthan Macedo
O urso	Tchekov
Bodas de Sangue	Garcia Lorca
Electra	Sófocles
Diário de um louco	Nicolai Gogol
Pequenos burgueses	Máximo Gorki
A visita da velha senhora	Dürremenmatt
Escola de mulheres	Molière
Escorial	Ghelderode
Romanceiro da Inconfidência	Cecília Meireles
Maria Stuart	Schiller
A morta	Oswald de Andrade
O patinho torto	Coelho Neto
Yerma	Garcia Lorca
Seis personagens em busca de autor	Pirandello
As criadas	Jean Genet
Arlequim servidor de dois amos	Carlo Goldoni
Calígula	Albert Camus
Guerra mais ou menos santa	Mário Brasini
Pedreira das almas	Jorge Andrade
Só o faraó tem a alma	Silveira Sampaio
O beijo no asfalto	Nelson Rodrigues
Mas que papel, seu bacharel!	José Luiz Ribeiro
O estado de sítio	Albert Camus
Boca do Inferno	Marcos Vinícius
A mandrágora	Maquiavel
O rei da vela	Oswald de Andrade
Como se fazia um deputado	França Júnior
Dr. Getúlio, sua vida e sua glória	Dias Gomes/F. Gullar
O Jardim das cerejeiras	Tchekov
Esta noite se improvisa	Pirandello
O inspetor geral	Nicolai Gogol
Fausto	Goëthe
Girança	José Luiz Ribeiro
A casa de Bernarda Alba	Garcia Lorca

Grito mudo	José Luiz Ribeiro
As aventuras do tio Patinhas	Augusto Boal
A aurora da minha vida	Naum Alves de Siuza
Canga	José Luiz Ribeiro
O mercador de Veneza	Willian Shakespeare
O Santo milagroso	Lauro César Muiz
Rastro Atrás	Jorge Andrade
Era sempre primeiro de abril	José Luiz Ribeiro
Todomundo	José Luiz Ribeiro
Édipo-Rei	Sófocles
Burguês fidalgo	Molière
Vereda de Salvação	Jorge Andrade
II teatro cômico	Carlo Goldoni
Como se come um homem	S. Mrozek
A torre em concurso	J. Manuel de Macedo
O homem e o cavalo	Oswald de Andrade
A escada de Jacó	José Luiz Ribeiro
Cervantina	Miguel de Cervantes
O devoto	José Luiz Ribeiro
O príncipe Rufião	José Luiz Ribeiro
Viva o Nau Catarineta	Altimar Pimentel
Os ossos do Barão	Jorge Andrade
Girança (II)	José Luiz Ribeiro
O último portal	José Luiz Ribeiro
Botanágua	José Luiz Ribeiro
A trupe da Paz	José Luiz Ribeiro
Senhora na Boca de Lixo	Jorge Andrade
Zé da Cova e Dona Morte	José Luiz Ribeiro
O círculo de Giz	Brecht/ Ribeiro
O canto do Cisne	Anton Tchekov
A fábula do destino	José Luiz Ribeiro
VisitandoVolpone	José Luiz Ribeiro
A Tempestade	Willian Shakespeare
Adoráveis Canalhas	José Luiz Ribeiro
Erguei as mãos	José Luiz Ribeiro
A república de Plantão	José Luiz Ribeiro
O Mambembe	Arthur Azevedo

ESPETÁCULOS ANTOLÓGICOS

Amor em verso e canção
Antologia da mulher
Nosso amor em verso e canção
Poemineiros
O homem do século XX
Amor em verso e canção II
Poemas operários
Versos e Cantigas

AGRADECIMENTOS:

Reitor da UFJF:
Prof. Henrique Duque de Miranda Chaves Filho

Pró-Reitor de Cultura:
Prof. José Alberto Pinho Neves

Funcionários e bolsistas do Forum da Cultura

Aos que, durante esses 42 anos, perceberam que
o teatro é expressão de cidadania e de resistência

Aos profissionais dos meios de comunicação que
acreditam que

"Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro."
García Lorca